

EVENTO DE REDE

"UM BALANÇO CRÍTICO DA HEGEMONIA NEO-LIBERAL NA CIDADE"

5ª feira, 25/março – 14:00 – 16:00 hs

Local: Conferir em <http://www.unhabitat.org/content.asp?typeid=19&catid=584&cid=7071>

Sala W3-2

(haverá tradução simultânea)

Promoção: Rede Democracia e Justiça Urbanas – LABHAB/FAU/USP –
ETTERN/IPPUR/UFRJ

Erminia Maricato (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Universidade de São Paulo, Brasil) - coordenadora

Alan Mabin (Faculdade de Arquitetura e Planejamento, Universidade de Witwatersrand, África do Sul)

Arif Hassan (Centro de Recursos Urbanos, Paquistão)

Pietro Garau (Centro de Estudos Urbanos em Países em Desenvolvimento, Universidade de Roma, Itália)

Simpreet Singh (Aliança Nacional de Movimentos Populares, Índia)

Há cerca de 25 anos atrás, o planejamento modernista foi colocado no banco dos réus. O plano racionalista compreensivo, a regulação estatal, o zoneamento, assim como o que se qualificou de voluntarismo e rigidez normativa, enfim, todas as crenças fundamentais do modernismo foram condenadas e a cidade moderna lançada ao lixo da história. Os arautos do planejamento pós-moderno anunciaram uma nova era – a globalização – e a boa nova: as cidades que quisessem ser sócias do processo de globalização poderiam fazê-lo ... desde que se mostrassem capazes de competir vitoriosamente na guerra de todos contra todos para atrair capitais, turistas e grandes eventos. A receita da competitividade urbana, em que a modelagem de *cases* e *best practices* foi copiada das business schools e seus MBAs, foi difundida *urbi et orbi* por consultores internacionais, agências de cooperação, instituições multilaterais, congressos acadêmicos e profissionais: parceria público-privada, flexibilidade normativa, grandes projetos, empreendedorismo e marketing urbanos. Apesar do anunciado compromisso com o vernáculo e com as singularidades locais, o planejamento market friendly impôs-se com a mesma uniformidade que denunciara no modernismo. O novo estilo universal, ou melhor, global está inscrito nos water fronts, nas “revitalizações” dos centros históricos, na produção massificada de ícones arquitetônicos, na espetacularização culturalizante e homogeneizante das cidades, nos grandes eventos esportivos e exposições internacionais. Passados 25 anos de hegemonia do “novo modelo de cidade”, é mais que chegada a hora de fazer um balanço. Nossas cidades são hoje mais inclusivas, igualitárias, democráticas, conviviais e sustentáveis? As cidades dos países centrais mostram-se hoje mais aptas a incorporar os imigrantes que foram buscar seu lugar na terra prometida do capitalismo desenvolvido? As cidades da periferia foram capazes de ampliar a cidadania e a democracia urbanas, reduzir a miséria e minimizar as desigualdades? Estamos mais próximos ou mais distantes da universalização do direito à cidade?

O diálogo sobre estes temas será promovido pela Rede Democracia e Justiça Urbana e reunirá pesquisadores e ativistas, do Norte e do Sul, que se têm destacado nos debates e nas lutas urbanas.

gênero.

EVENTO DE REDE **“É POSSÍVEL UMA NOVA CIDADE? PRÁTICAS E** **UTOPIAS”**

5ª feira, 25/março – 16:30 – 18:30 hs

Local: Conferir em <http://www.unhabitat.org/content.asp?typeid=19&catid=584&cid=7071>

Sala W3-2

(haverá tradução simultânea)

Promoção: Rede Democracia e Justiça Urbanas – LABHAB/FAU/USP –
ETTERN/IPPUR/UFRJ

Coordenação: Carlos Vainer (ou outro que quisermos indicar)

Carlos Vainer (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional / Universidade Federal do Rio de Janeiro) - coordenador

Edgar Pieterse (Centro Africano para Cidades / Universidade da Cidade do Cabo)

Medha Patkar (Aliança Nacional de Movimentos Populares, Índia)

Edmilson Rodrigues (ex-prefeito de Belém, Brasil)

Peter Marcuse (Universidade de Columbia, EUA)

Soledad Bordegaray, Movimento de Trabalhadores Desempregados, La Matanza, Buenos Aires, Argentina)

De todas as vitórias do pensamento conservador nas últimas 3 décadas, nenhuma foi tão profunda e de tão graves conseqüências quanto a condenação à morte de todas as utopias. Mas estas sobrevivem, emergindo nos desvãos de nossas cidades, em criativas experiências de solidariedade que desafiam o individualismo e a competição, na construção de novos espaços de vida e sociabilidade, na invenção de um planejamento insurgente que afirma alternativas ao fundamentalismo de mercado e ao empresariamento urbano que (re)colonizam nossas cidades. Ainda estamos longe do que poderia vir a ser um modelo da cidade democrática e justa, mas, talvez, ao invés de buscar um modelo alternativo, devemos antes reconhecer e avançar na direção de alternativas aos modelos.

Como resgatar e enriquecer o sentido crítico, revolucionário, do que Lefebvre chamou de “utopias experimentais”, espaços-tempos da transgressão e da construção de uma nova urbanidade, instauração de uma quotidianidade que é simultaneamente cultural, política, econômica e social? Quais os caminhos desta nova utopia urbana? Onde vislumbrar seus sinais, práticos e teóricos, neste início de século? Como assegurar que, enraizada nos bairros populares, favelas e guetos de cada cidade, projete-se nas escalas nacionais e celebre a herança internacionalista que se reinventa nas redes e movimentos transnacionais contra-hegemônicos como o Fórum Mundial Social?

O diálogo sobre estes temas será promovido pela Rede Democracia e Justiça Urbana e reunirá pesquisadores e ativistas, do Norte e do Sul, que se têm destacado nos debates e nas lutas para a construção cidades democráticas, social e ambientalmente justas.